

# Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana

---

*Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas*

Estudos de Ibáñez Gracia (1988), Jodelet (1994), Sá (1993 e 1996), Vala (2000), assim como os de Anadon e Machado (2001), apontam para uma grande heterogeneidade de formulações quando da tentativa de se conceituar “representações sociais”. Essa “diversidade de entendimento”, para citar uma expressão utilizada por Rangel (1997, p. 22), pode ser claramente observada nos ensaios de aproximação do conceito de representação social elencados a seguir:

(...) é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social. (Jodelet, 1994, p. 36)<sup>1</sup>

(...) é um conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social. (Wagner, 1998, p. 3)

(...) é produto e processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real ao qual ele é confrontado e lhe atribui uma significação específica. (Abric, 1994, p. 188)<sup>2</sup>

Em vez de antitéticas, essas “diversidades de entendimentos” sobre as representações sociais configuram-se como formulações polissêmicas que se

1 Cf. original: “*C'est une forme de connaissance, socialement élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d'une réalité commune à un ensemble social*”. De acordo com a literatura específica, a definição dada por Jodelet é a que mais gera consenso entre os pesquisadores dessa área (Sá, 1993).

2 Cf. original: “*Rappelons qu'on appelle représentation 'le produit et le processus d'une activité mentale par laquelle un individu ou un groupe reconstitue le réel auquel il est confronté et lui attribue une signification spécifique'*”.

alteram de acordo com as particularidades e perspectivas provenientes das investigações realizadas (Vala, 2000) e dos objetivos do pesquisador (Banchs, 2000).<sup>3</sup>

A própria proposta teórica de Moscovici, presente em sua obra clássica datada de 1961, *La psychanalyse, son image et son publique*, aponta para a dificuldade em conceituar as representações sociais ao admitir que, se, por um lado, o fenômeno é passível de observação e de identificação, por outro, o conceito, dada a sua complexidade, demanda uma maior “maturidade” e desenvolvimento do próprio postulado teórico das representações sociais para que haja uma definição do mesmo (Moscovici, 1978).

Corroborando a argumentação de Moscovici (ibid.), Ibáñez Gracia (1988) aponta duas justificativas para essa dificuldade de conceituação. A primeira decorre do fato de a representação social ser um “conceito híbrido”, não pertencendo a uma única área de conhecimento, uma vez que sua origem vincula-se tanto à sociologia quanto à psicologia. Como conseqüência disso, esse fenômeno acaba articulando conceitos dessas duas áreas (tais como ideologia/cultura e imagem/pensamento), o que faz que o autor conclua que a representação social é um conceito psicossocial.<sup>4</sup> A outra justificativa deriva justamente da primeira, pois, como os conceitos aglutinados de outras áreas são mais restritos, uma vez que tratam basicamente de objetos e não de fenômenos, acabam por se constituírem, em relação ao próprio conceito de representação social, como mais operativos.

A origem do conceito teórico das “representações sociais”, tal como proposto por Moscovici, remonta ao conceito de representação coletiva de Durkheim. Criticando este último conceito, que leva em conta apenas os aspectos sociológicos do pensamento organizado, de modo que a representação surja como uma reprodução do social (Anadon e Machado, 2001), Moscovici opta por trocar o adjetivo “coletivo” por “social”, admitindo que as representações são construídas pelos sujeitos quando da elaboração compartilhada do conhecimento, o que reforça a idéia da representação social como um conceito psicossocial.

3 Também Sá atenta para a heterogeneidade e, ao mesmo tempo, a complementaridade de posições em relação às proposições dadas inicialmente por Moscovici, defendendo que “não se trata, por certo, de abordagens incompatíveis entre si, na medida em que provêm todas de uma mesma matriz básica e de modo algum a desautorizam” (1998, p. 65).

4 Autores como Sá (1993) e Vala (2000) corroboram essa abordagem psicossociológica da representação social.

A representação recebe o qualificativo “social” justamente porque é uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978, p. 26). Moñivas Lazaro complementa essa assertiva indicando ainda que, segundo Moscovici, o “social” da representação tem sua razão de ser por três motivos:

- por originar-se nas conversas e discussões diárias (...);
- por dispor de um código aceito para a comunicação, pois, ao compartilharem representações, as pessoas podem se compreender umas às outras, de modo a estabelecerem conversas fluidas e inteligíveis;
- por determinar os limites de um grupo, ou seja, as representações distinguem os membros de cada grupo. (1993, p. 244)<sup>5</sup>

Em relação à idéia de “conhecimento particular”, atribuída por Moscovici (1978) à representação, pode-se inferir que esta nada mais é do que o senso comum com o qual o indivíduo constrói as representações sociais de forma compartilhada e em uma regra de comunicação. Segundo Anadon e Machado (2001), o senso comum se nutre de dois aspectos: o primeiro refere-se ao conjunto de conhecimentos originados das tradições e experiências compartilhadas; e o segundo se refere às imagens mentais e excertos de teorias científicas modificadas para servir à vida cotidiana. Assim, o senso comum, por mais redundante que isso possa parecer, é realmente “comum” porque orienta não apenas o comportamento de um indivíduo, mas de toda a coletividade, determinando suas práticas e atitudes. Acredita-se que essa orientação de comportamento também é constituída por uma tessitura de saberes historicamente construídos e que colaboram para a constituição de representações sociais mais enraizadas e, conseqüentemente, mais estáveis.

Portanto, a representação tem que ser compartilhada e elaborada por um determinado grupo (Moscovici, 1978), uma vez que sua construção se dá na relação do sujeito com outro sujeito e com objetos. Neste processo, desconstrói-se uma realidade que não é única nem específica, mas que é compartilhada pela comunicação de indivíduos interagentes. Assim, não há representação social

5 Cf. original: “*Tener su origen en las charlas y discusiones diarias (...); Proveer un código aceptado para la comunicación, ya que en la medida que la gente comparte representaciones pueden comprenderse unos a otros y tener conversaciones fluidas e inteligibles; Marcar los límites de un grupo, es decir; las representaciones proporcionan un marco para distinguir los miembros de un grupo de los de otros grupos*”.

sem objeto e sem um sujeito social, coletivo ou individual, pertencente a um determinado grupo, pois “uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa” (Moscovici, 1978, pp. 27, 63, 65).

A partir das considerações acima arroladas, pode-se concluir que a representação social, ao estudar a ação do homem comum, expressa uma espécie de “saber prático” de como os indivíduos sentem, assimilam, apreendem e interpretam o mundo dentro de seu cotidiano, sendo, portanto, produzida coletivamente na prática da sociedade e no decorrer da comunicação interativa.

Moñivas Lazaro faz referência a três hipóteses que explicariam o porquê de as representações sociais serem construídas:

*A hipótese do interesse* [1.<sup>a</sup>] presume que se tem a intenção de criar imagens capazes de expressar ou de conciliar os propósitos dos indivíduos e da coletividade, podendo ocorrer, em tais imagens e declarações, distorções subjetivas da realidade objetiva. Para a *hipótese do desequilíbrio* [2.<sup>a</sup>], todo o conhecimento sobre o mundo, todas as ideologias, são um modo de resolver as tensões psíquicas e afetivas que provêm do fracasso de sua integração na sociedade, sendo, portanto, uma compensação imaginária cujo propósito é restituir algum equilíbrio interno. Por último, a *hipótese do controle* [3.<sup>a</sup>] estabelece que os grupos produzem representações que atuam como filtros sobre a informação proveniente do meio, modelando a conduta dos indivíduos, como uma espécie de manipulação dos processos de pensamento e estrutura da sociedade. (1993, p. 246 – grifos e colchetes apostos)<sup>6</sup>

Abric, ao discutir as funções das representações dentro do enfoque estrutural,<sup>7</sup> reconhece nelas quatro funções básicas:

6 Cf. original: “*La hipótesis del interés mantiene que intentamos crear imágenes capaces de expresar o conciliar los propósitos de los individuos y de la colectividad; pudiendo ser, en consecuencia, esas imágenes y declaraciones distorsiones subjetivas de la realidad objetiva. Para la hipótesis del desequilibrio, todo el conocimiento sobre el mundo, todas las ideologías, son un modo de resolver las tensiones psíquicas y afectivas que resultan del fracaso de su integración en la sociedad; son por tanto una compensación imaginaria cuyo propósito es restituir cierto equilibrio interno. Por último, la hipótesis del control plantea que los grupos producen representaciones que actúan a modo de filtros sobre la información que procede del medio, modelando la conducta de los individuos; son, pues, una especie de manipulación de los procesos de pensamiento y de la estructura de la sociedad*”.

7 Sá (1998) aponta três diferentes abordagens na teoria das representações sociais, ainda que, de modo geral, estas estejam de acordo com os postulados teóricos desenvolvidos por Moscovici. Assim, a primeira delas seria a desenvolvida por Denise Jodelet; a segunda, mais estrutural, a desenvolvida por Jean-Claude Abric; e a terceira, de caráter mais sociológico, a de Willem Doise.

(...) funções de saber: permitem compreender e explicar a realidade (...); funções identitárias: definem a identidade do grupo além de salvaguardar a sua especificidade (...); funções de orientações: guiam comportamentos e práticas; funções justificatórias: permitem justificar *a posteriori* as tomadas de posição e comportamentos. (1994a, pp. 15-18)<sup>8</sup>

Moscovici sistematiza também três dimensões basilares presentes nas representações sociais, permitindo o que ele denominou de *análise dimensional* (1978, p. 71): a informação (conceito), o campo de representação (imagem) e a atitude.

A informação corresponde à organização de conhecimento de um determinado grupo acerca de um objeto social, variando de acordo com a quantidade e a qualidade desse conhecimento (Ibáñez Gracia, 1988). O campo de representação “remete-nos à idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto das representações” (Moscovici, 1978, p. 69), ou seja, refere-se à organização dos elementos já estruturados na representação.

Por fim, a atitude, a mais freqüente das três dimensões, se refere à orientação de comportamento que se tem acerca do objeto da representação social, sendo ela, segundo Ibáñez Gracia, que “dinamiza e orienta decisivamente as condutas relacionadas ao objeto representado, provocando um conjunto de reações emocionais e comprometendo as pessoas com maior ou menor intensidade” (1988, pp. 46-47).<sup>9</sup>

Além dessas três dimensões, as representações sociais possuem, ainda segundo Moscovici, uma estrutura de natureza dupla, *conceitual* e *figurativa*, uma vez que “ela faz compreender a toda figura um sentido e a todo sentido uma figura”, o que torna “o conceito e a percepção de certo modo intercambiáveis” (1978, pp. 65 e 57, respectivamente). O processo que transforma um objeto abstrato, de natureza conceitual, portanto, em algo imagético (figurativo) é denominado objetivação, e aquele que converte uma figura em um senti-

8 Cf. original: “*fonctions de savoir: elles permettent de comprendre et d’expliquer la réalité (...); fonctions identitaires: elles définissent l’identité et permettent la sauvegarde de la spécificité des groupes (...); fonctions d’orientations: elles guident les comportements et les pratiques (...); fonctions justificatrices: elles permettent a posteriori de justifier les prises de position et les comportements*”.

9 Cf. original: “*dinamiza y orienta decisivamente las conductas hacia el objeto representado, suscitando un conjunto de reacciones emocionales e implicando a las personas con mayor o menor intensidad*”.

do recebe o nome de ancoragem. Ambos, objetivação e ancoragem, são mecanismos concomitantes, que formam e mantêm em funcionamento as representações sociais, sendo por meio deles que o discurso científico acaba sendo apropriado pelo sujeito (Páez, 1987; Vala, 2000).<sup>10</sup>

Segundo Ibáñez Gracia, objetivar é traduzir conceitos em imagens, ou seja, é um processo pelo qual se transforma um conceito ou idéia em algo “concreto”, de fácil expressão, mediante a construção de uma imagem icônica sobre o objeto da representação:

Tanto nas conversas cotidianas como nas conferências científicas, os locutores tentam se fazer compreender melhor recorrendo a imagens que “permitem ver” o que se pretende descrever. O processo de objetivação não é outra coisa senão essa projeção reificante que nos permite materializar em imagens concretas o que é puramente conceitual. (1988, p. 48)<sup>11</sup>

É a partir desse processo de objetivação que Moscovici irá sistematizar a noção de núcleo figurativo:

Aquelas [palavras] que, devido à sua capacidade para serem representadas, tiverem sido selecionadas (...) são integradas ao que eu chamei de um padrão de *núcleo figurativo*, um complexo de imagens que reproduz visivelmente um conjunto de idéias (...). Uma vez que a sociedade tenha adotado tal paradigma ou núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser associado (*sic*) ao paradigma e, por causa dessa facilidade, as palavras *referentes* a ele são usadas mais freqüentemente” (Moscovici apud Sá, 1996, p. 47 – grifos do autor).

10 Conforme identifica Vala (2000), os processos de objetivação e ancoragem estão intrinsecamente ligados, não sendo, portanto, seqüenciais. A seguir, contudo, eles serão abordados separadamente por questões didáticas de exposição. Sob essa perspectiva, é elucidativa a análise de Ibáñez Gracia, que associa o processo de objetivação ao mecanismo de assimilação, enquanto a ancoragem faria parte do mecanismo de acomodação (1988).

11 Cf. original: “tanto en las conversaciones cotidianas como en las conferencias científicas los locutores intentan hacer comprender mejor lo que quieren decir recurriendo a imágenes que ‘hacen ver’ lo que se pretende describir. El proceso de objetivación no es sino esa proyección reificante que nos hace materializar en imágenes concretas lo que es puramente conceptual”.

Mas, ao mesmo tempo em que ocorre a construção da imagem icônica referente a um determinado objeto, é necessário integrá-la, “ancorá-la”, a um sistema de pensamento já existente *a priori*, como, por exemplo, em determinados valores antigos, de modo a nos familiarizarmos com algo que nos é estranho. A ancoragem, portanto, vem junto de um pensamento ideológico e de uma construção histórica, concomitantemente, sugerindo ação:

(...) a ancoragem é o mecanismo que permite enfrentar as inovações, bem como os objetos que não são familiares. Utilizamos as categorias que já conhecemos para interpretar e dar sentido aos novos objetos que aparecem no campo social. Em certo sentido, sempre vemos o novo através de lentes antigas, e o deformamos o suficiente de modo que ele penetre nos esquemas que são para nós familiares. (Ibáñez Gracia, 1988, p. 50)<sup>12</sup>

De acordo com as considerações já arroladas, pode-se afirmar que a representação social converte algo não-familiar em familiar (Moscovici, 1978), a ponto de Vala afirmar que “uma representação é um código de interpretação no qual ancora o não-familiar, o desconhecido e o imprevisto” (2000, p. 474). Assim, as representações se modificam e se organizam para estar de acordo com os valores que o sujeito já possui, podendo até mesmo parecer contraditórias justamente porque são formas de adaptação que conseguem integrar elementos drasticamente separados, permitindo-lhes uma adaptação a diferentes circunstâncias, o que faz com que estejam em permanente construção, afinal “representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo e modificar-lhe o texto” (Moscovici, 1978, p. 58).

A representação social, portanto, não é apenas produto de situações cotidianas, mas inclusive de determinações históricas, bem como da posição social, tanto dos indivíduos no grupo quanto do próprio grupo, que acaba também influenciando tais situações, isso porque:

12 Cf. original: “*el anclaje es el mecanismo que permite afrontar las innovaciones o la toma de contacto con objetos que no nos son familiares. Utilizamos las categorías que nos son ya conocidas para interpretar y para dar sentido a los nuevos objetos que aparecen en el campo social. En cierto sentido, siempre vemos lo nuevo a través de lentes antiguas, y lo deformamos lo suficiente como pra hacerlo entrar en los esquemas que nos son familiares*”.

(...) a ancoragem expressa o enraizamento social das representações e sua dependência das diversas interações sociais [uma vez que] os interesses e os valores próprios dos diversos grupos atuam com força sobre os mecanismos de seleção da informação, abrindo, mais ou menos, os esquemas estabelecidos para que a inovação possa ser integrada. (Ibáñez Gracia, 1988, p. 50)<sup>13</sup>

Derivando da idéia inicial de núcleo figurativo, elaborada por Moscovici, Abric, em seu estudo *Jeux, conflicts et représentations sociales*, datado de 1976, propõe uma teoria complementar – a do núcleo central – que irá se constituir, segundo Flament, em uma das maiores contribuições atuais ao aporte teórico das representações sociais (Sá, 1996).<sup>14</sup>

Para Abric, toda representação é organizada por um núcleo central constituído de elementos que ocupam uma posição de destaque nessa estrutura, sendo que a alteração em alguns de seus elementos ocasionaria uma modificação na representação (1994a e 1998). Assim, o núcleo central é determinado:

(...) de um lado pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com esse objeto e, enfim, pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo. (Abric, 1998, p. 31)

Seguindo essa linha de argumentação, o “núcleo central” seria uma espécie de componente mais permanente das representações sociais, sendo utilizado pelos indivíduos como referência para orientar suas apreensões e percepções sobre a realidade em que vivem. Assim, para pôr termo a uma determinada representação social, faz-se necessário promover uma ação direta em seu núcleo, uma vez que ele corresponde à parte mais estável que não se modifica, mesmo que a informação recebida o contradiga, já que esta termina por ser interpretada de acordo com o núcleo central.

13 Cf. original: “*El anclaje expresa el enraizamiento social de las representaciones y su dependencia de las diversas interacciones sociales (...). Los intereses y los valores propios de los diversos grupos actúan con fuerza sobre los mecanismos de selección de la información, abriendo más o menos los esquemas establecidos para que la innovación pueda ser integrada*”.

14 Uma das principais diferenças entre essas duas idéias de núcleo reside no fato de que o núcleo central não possui um caráter imagético como o núcleo figurativo (Sá, 1996).

Também se pode aferir que é por intermédio do núcleo central, e do modo como os elementos nele estão dispostos, que se determinam as diferenças entre as representações, passíveis até de possuírem os mesmos elementos, mas que, organizados de um outro modo, dão origem a uma outra representação:

Para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes (...). A organização deste conteúdo é essencial: duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, caso a organização destes elementos, portanto sua centralidade, seja diferente. (Abric, 1998, p. 31)

Abric observa ainda que o que define a centralidade em uma representação são os critérios qualitativos. Assim, não basta um elemento aparecer maciçamente em um núcleo para determinar sua centralidade, já que o decisivo é o fato de ele dar significado à representação (Abric, 1994a e 1998).

O núcleo central tem duas funções basilares: a “geradora”, necessária para que os elementos adquiram um sentido na representação, e a “unificadora”, que integra e estabiliza a representação. Possui também duas dimensões definidas: a “funcional” e a “normativa”, que variam de acordo com os elementos que ocupam uma posição de destaque no núcleo central (Abric, 1998). Assim, a dimensão funcional envolve uma situação operatória em que os elementos basilares para a elaboração de uma determinada tarefa passam a constituir o núcleo central. Já as situações que demandam reações socioafetivas, ideológicas, etc. terão como núcleo central elementos ligados a estereótipos ou a atitudes (Sá, 1996).

Flament traz valiosa contribuição à idéia do núcleo central ao sustentar que as representações não se manifestam do mesmo modo, demonstrando, com isso, a importância que os elementos periféricos têm no funcionamento e na organização das representações sociais. Abric (1998) argumenta que tais elementos assumem três funções básicas:

a) *concretização*: os elementos periféricos funcionam como mediadores entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é elaborada ou acionada em termos concretos e compreensíveis;

b) *regulação*: ao contrário do núcleo central, os elementos periféricos são maleáveis, adaptando a representação às mudanças do contexto, de modo que as informações novas possam ser integradas à periferia da representação;

c) *defesa*: para manter intacto o núcleo central, cuja mudança operaria uma transformação na representação, os elementos periféricos permitem contradições.<sup>15</sup> Algo que pode ser, grosso modo, comparado ao jargão popular “mudar para permanecer o mesmo”.

Para Flament, tais elementos corresponderiam a “esquemas” diante do funcionamento da representação e possuiriam três características básicas, que complementam as funções das representações apontadas por Abric (1998):

a) *prescritores de comportamento*: em uma dada situação, tais esquemas orientam as ações dos sujeitos, “sem a necessidade de recurso aos significados centrais” (Flament apud Abric, 1998, p. 32);

b) *modulação personalizada*: mesmo as representações que são organizadas em torno de um núcleo central podem possuir pequenas diferenças, compatíveis com tal núcleo, relacionadas a contextos específicos ou a apropriações individuais que acabam por compor o sistema periférico;

c) *proteção*: parecida com a função de defesa já citada, esse esquema tem a característica de proteger o núcleo central da representação (Abric, 1998).

Segundo Abric, as representações sociais são orientadas por um duplo sistema (central e periférico) que permite:

Compreender uma das características básicas das representações, que pode parecer contraditória: elas são, simultaneamente, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis. Estáveis e rígidas, posto que determinadas por um núcleo central profundamente ancorado no sistema de valores partilhado pelos membros do grupo; móveis e flexíveis, posto que alimentando-se (*sic*) das experiências individuais, elas integram os dados do vivido e da situação específica, integram a evolução das relações e das práticas sociais nas quais se inserem os indivíduos ou os grupos. (Ibid., p. 34)

Em linhas gerais, esse duplo sistema pode ser abreviado do seguinte modo:

a) *sistema central*: desempenha um papel mais estável e duradouro nas representações sociais, cuja determinação está ligada às condições históricas, sociológicas e ideológicas;

15 Segundo Abric, Flament denomina a função de defesa “pára-choque” (1994a, p. 26). Cf. original: “Il en constitue ce que Flament (1987) appelle son ‘pave-choque’[...]”.

b) *sistema periférico*: por ser mais flexível, possui a propriedade de modificar-se mais facilmente do que o núcleo central. Assim, praticamente assume a função de proteção desse núcleo, na medida em que permite a adaptação a uma dada situação, sem que isso implique a modificação do núcleo central. Desse modo, sua determinação está mais ligada ao contexto imediato e às características individuais (Abric, 1994a e 1998).

Apesar disso, não só essa parte mais estrutural tem sido objeto de estudos dos pesquisadores. Também as questões relativas ao papel das emoções na construção das representações vêm sendo cada vez mais discutidas,<sup>16</sup> e, nesse sentido, a idéia de emoção desenvolvida por Maturana (1993 e 1997), apesar de ser pensada como uma dinâmica biológica, traz uma possível contribuição, ainda que preliminar, ao entendimento da emoção nos processos de construção das representações sociais. Faz-se necessário pontuar que, antes de tudo, não se pretende aqui remontar todo o quadro da discussão elaborada por Maturana acerca das emoções, mas apenas articular dois conceitos criados sob perspectivas teóricas distintas: o conceito de emoção, conforme desenvolvido por Humberto Maturana, e o conceito de representações sociais, conforme Serge Moscovici, Denise Jodelet e colaboradores, de modo a refletir sobre a questão dos aspectos afetivos presentes nas representações sociais.

Segundo Maturana, “ao declarar-nos seres racionais, vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção que constitui nosso viver humano” (1997, p. 15).<sup>17</sup> Há algumas décadas, a orientação da psicologia cognitiva social também era de desvalorização da emoção, considerada algo não confiável porque não se originava da razão. Atualmente, a situação, ainda que diferente, parece não haver mudado tanto, a ponto de Páez, Villarreal, Etxeberria e Valencia indicarem em seu estudo que, apesar da relevância das emoções que “influem claramente nos pensamentos, memória e conduta” (1987, p. 170),<sup>18</sup> os estudos articulando cognição

16 A esse respeito, ver os trabalhos de Joffe (1995) e Banchs (1995, 1996 e 2000).

17 Cf. original: “*ao declararnos seres racionales vivimos una cultura que desvaloriza las emociones, y no vemos el entrelazamiento cotidiano entre razón y emoción que constituye nuestro vivir humano*”.

18 Cf. original: “*{No sólo las emociones son importantes, sino que parece suficientemente demostrado que éstas} influyen de manera clara en los pensamientos, memoria y conducta*”. Os autores alertam ainda que, se antes imperava uma postura cognitivista, agora é necessário ter cuidado nas investigações, justamente para não incorrer no contrário, ou seja, adotar uma postura emocionalista que negue o aspecto cognitivo.

e emoção ainda são bastante escassos e isso se deve, segundo os autores, à postura da psicologia social cognitiva, cuja orientação “antiemocionalista” (p. 168) fez que se investigasse o pensamento social levando em conta apenas aspectos cognitivos.<sup>19</sup>

Sustentando essa mesma posição está Lane (1993), que em sua breve revisão de literatura, *Usos e abusos do conceito de representação social*, pontua que, após mais de vinte anos de pesquisa em representação social, houve um avanço na postura cognitivista que imperava nos estudos desse campo ao se perceber a existência de conteúdos emocionais nas representações sociais, colocando-se, a partir daí, a necessidade de se conceber não só o indivíduo como um todo, mas também de concordar que, em decorrência disso, as representações abarcam experiências cognitivas e afetivas. Nesse sentido, Jodelet, partindo inicialmente de uma postura cognitivista (Lane, 1993), reconhece igualmente a importância das emoções ao argumentar que “(...) os fenômenos cognitivos engajam a pertença social dos indivíduos com as *implicações afetivas* e normativas (...) à qual estão ligados” (Jodelet, 1994, p. 37 – grifo apostro),<sup>20</sup> insistindo ainda que:

(...) as representações sociais devem ser estudadas articulando *elementos afetivos, mentais e sociais* e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunica-

19 Banchs vai mais além nesse raciocínio, ao afirmar que a maioria das produções da psicologia social, tanto atuais quanto tradicionais, ignora o fator emocional: “Isto é certo, tanto para os condutistas, como para os cognitivistas, os interacionistas simbólicos, os que estudam representações sociais ou os socioconstrutivistas. Algo tão próximo a nós como o fato de que nossas vidas, para além dos rituais cotidianos, estão permanentemente atravessadas pela emoção, aparece ou totalmente escamoteado ou então formulado de forma tangencial (1996, p. 114). Cf. original: “*Esto es cierto tanto para los conductistas como para los cognitivistas, los interaccionistas simbólicos, los que estudian representaciones sociales o los socioconstruccionistas. Algo tan cercano a nosotros como el hecho de que nuestras vidas, mas allá de lo que son rituales cotidianos, están permanentemente atravesadas por la emocionalidad, aparece o totalmente escotomizado, o bien formulado de manera tangencial*”. Contudo, essa mesma autora acaba por relativizar essa crítica afirmando que “não é que a teoria ignore ou negue a importância das emoções, ao contrário, o que ela precisa é desenvolver um conhecimento mais compreensivo acerca desse aspecto” (ibid., p. 114). Cf. original: “*(...) no es que la teoría ignore o niegue la importancia de las emociones, sino que le hace falta desarrollar un conocimiento mas comprensivo sobre este aspecto*”.

20 Cf. original: “*phénomènes cognitifs, ils engagent l'appartenance sociale des individus avec les implications affectives et normatives, avec les intériorisations d'expériences, de pratiques de modèles de conduites et de pensée, socialement inculqués ou transmis par la communication sociale, qui y sont liées*”.

ção, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas intervirão. (Ibid., p. 41 – grifos apostos)<sup>21</sup>

O próprio Moscovici, igualmente considerando por Lane como tendo inicialmente uma postura cognitivista, preocupa-se em associar aspectos afetivos e simbólicos ao assumir que “as emoções e os afetos são estimulados pelos símbolos inscritos na tradição, nos emblema-bandeiras, fórmulas, etc., aos quais cada um faz eco” (Moscovici apud Lane, 1993, pp. 59-60). Posteriormente, é possível argumentar que Moscovici vai ampliando cada vez mais a importância da emoção nas representações sociais, como pode ser observado nos dois trechos a seguir:

Todas as nossas *experiências afetivas*, nossas condutas, nossas respostas corporais e verbais são efeitos, não de uma excitação exterior como tal, mas sim da representação que nós possuímos dela. (Moscovici apud Quiroz P. e Martínez V., 1991, p. 5 – grifo apostado)<sup>22</sup>

(...) as representações sociais sempre se preocuparam com os aspectos da sensibilidade social, sentimentos sociais, entre outros. [Elas] são indispensáveis para mobilizar as pessoas, para permitir representar o futuro e também para criar vínculos, uma vez que há algo posto em comum com o pensamento, nos *sentimientos* e no intercâmbio conversacional. (Moscovici, 1999, pp. 302-303 – grifo apostado)<sup>23</sup>

Segundo Ayestaran, De Rosa e Páez, “as representações sociais se referem às *estructuras cognitivo-afectivas* que servem para processar a informação do mundo social, assim como para planificar as condutas sociais” (1987, p. 18 – grifos

21 Cf. original: “*les représentations sociales doivent être étudiées en articulant éléments affectifs, mentaux et sociaux et en intégrant à côté de la cognition, du langage et de la communication, la prise en compte des rapports sociaux qui affectent les représentations et la réalité matérielle, sociale et idéale sur laquelle elles ont à intervenir*”.

22 Cf. original: “*Todas nuestras experiencias afectivas, nuestras conductas, nuestras respuestas corporales y verbales son efectos, no de una excitación exterior en tanto que tal, sino de la representación que nosotros tenemos de ella*”.

23 Cf. original: “*las representaciones sociales se han preocupado siempre de los aspectos de la sensibilidad social, sentimientos sociales, entre otros. (...) las representaciones sociales son indispensables para movilizar a la gente, para permitirse representarse el futuro y, también, para crear vínculos, puesto que hay algo puesto en común en el pensamiento, en los sentimientos, en el intercambio conversacional*”.

apostos).<sup>24</sup> Isso significa que essa dimensão afetiva é responsável, juntamente com os aspectos operativos e figurativos, pela estruturação das representações sociais (ibid.). Spink sustenta essa mesma posição, já que, para ela, “as representações sociais, enquanto formas de conhecimento, são estruturas cognitivo-afetivas e, desta monta, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo” (1995, p. 118). Assim, a emoção passa a assumir um papel primordial na representação porque ela compõe a sua própria estrutura.

Uma das relevâncias dos argumentos apresentados por Maturana é que ele propõe a resolução, de modo bastante original, da falsa dicotomia entre cognição e emoção ao postular que “todo sistema racional tem um fundamento emocional” (1997, p. 15).<sup>25</sup> Isso ocorre porque, para ele, do ponto de vista biológico, emoção não é apenas entendida como sentimento<sup>26</sup>, mas sim como “disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios em que nos movemos” (1997, p. 15).<sup>27</sup> Assim, o que define a ação é a emoção, e não mais a razão, uma vez que “quando falamos que nossa conduta é racional apenas encobrimos os fundamentos emocionais sobre os quais esta se apóia, assim como

24 Cf. original: “*Las representaciones sociales se refieren a las estructuras cognitivo-afectivas que sirven para procesar la información del mundo social, así como para planificar las conductas sociales*”.

25 Cf. original: “*todo sistema racional tiene un fundamento emocional*”.

26 Para Maturana, o sentimento corresponde a uma reflexão sobre a própria emoção e que é, portanto, permeado pela linguagem (1993, 1993a, 1993b, 1997 e 2001). Assim, enquanto a emoção pertence à esfera da ação, o sentimento pertence à da linguagem. Méndez Gonzáles explica bem essa diferenciação no seguinte trecho: “As emoções se vivem, os sentimentos se expressam. As emoções acompanham toda a vida do indivíduo, porém, os sentimentos estruturam-se a partir da linguagem. Desta forma, o sentimento de amor, por exemplo, surge quando percebemos que nossos atos em relação ao outro são de respeito à legitimidade dele junto a nós, então, estruturamos um discurso que tenta representar o que ‘nos passa’ em relação a ele. O que ‘nos passa’ vive-se no corpo e a descrição dessa experiência (sentimento) realiza-se na linguagem” (1993, p. 34).

27 Cf. original: “*Desde el punto de vista biológico lo que connotamos cuando hablamos de emociones son disposiciones corporales dinámicas que definen los distintos dominios de acción en que nos movemos*”. Para Maturana, ao se falar de amor, vergonha, medo, etc., conotam-se diferentes domínios de ações e se atua de um modo diferente em cada um deles, como se a pessoa, ou o animal, só pudesse fazer certas coisas e não outras (1993a). Segundo Méndez Gonzáles: “as dinâmicas fisiológicas de um organismo possibilitam nele certas condutas, através das quais um observador poderá classificar uma emoção. Assim, quando estamos sob o domínio de uma emoção, existem ações que podemos ou que não podemos realizar – pensemos em nossas condutas quando estamos zangados ou alegres. Isto também influencia nosso domínio racional permitindo aceitar argumentos que não aceitaríamos a partir de uma outra emoção” (1993, p. 28).

aqueles dos quais surge nossa suposta conduta racional” (1993a, p. 20).<sup>28</sup> Já o racional constitui as “coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para defender ou justificar nossas ações” (Maturana, 1997, p. 19).<sup>29</sup> Ou seja, o racional existe, mas vinculado às emoções que o orientam. Nesse sentido, segundo Méndez Gonzáles, em seu estudo sobre as emoções na obra de Maturana, “a racionalidade não é uma propriedade constitutiva da consciência, na medida em que igualmente a esta, a racionalidade surge com a linguagem e fica definida nesse domínio” (1993, p. 33). E ainda:

Falamos que um discurso é racional quando possui uma coerência e fluidez lógica seguindo o curso das premissas ou axiomas que o fundam. Portanto, um sistema racional se constrói a partir de premissas aceitas *a priori*. Aceitar, ou não, as premissas tem a ver com a nossa emoção; a validade do discurso não. (Ibid., p. 33)

O emocionar, para Maturana, corresponde a domínios de ação, ou seja, classes de condutas que se entrelaçam com a linguagem, originando o conversar, que nada mais é que o “convívio consensual em coordenações de coordenações de ações e emoções” (1993, p. 10),<sup>30</sup> ou seja, é o entrelaçamento entre a linguagem e a emoção na história interativa de um determinado sujeito com o seu grupo.<sup>31</sup> Nesse trecho, há uma possível aproximação com Moscovici (1978), para o qual as representações sociais surgem justamente das conversas cotidianas, tendo por função a elaboração e a comunicação entre os indivíduos. Nesse sentido, as representações sociais corresponderiam às “coordenações de ações e

28 Cf. original: “*cada vez que afirmamos que nuestra conducta es racional, los argumentos que esgrimimos en nuestra afirmación ocultan los fundamentos emocionales sobre los cuales ésta se apoya, así como aquellos desde los cuales surge nuestra supuesta conducta racional*”.

29 Cf. original: “*en las coherencias operacionales de los sistemas argumentativos que construimos en el lenguaje para defender o justificar nuestras acciones*”.

30 Cf. original: “*todo conversar es un convivir consensual en coordinaciones de coordinaciones de acciones y emociones*”. Segundo Méndez Gonzáles, coordenações de ações ou coordenações de condutas seriam os “encontros recorrentes que se configuram no viver de um grupo humano determinando condutas que um observador vê como planejadas” (1993, p. 29). Ou seja, é uma fazer combinado. Há ainda as coordenações de ações consensuais, que seriam condutas cujas características estão relacionadas a uma história particular de convivência e interações (ibid.).

31 Ainda segundo Méndez Gonzáles, é a “tecedura do emocionar-se e do linguajar [que] constitui o verdadeiramente humano; a esta síntese Maturana denomina-o (*sic*) conversar” (1993, p. 36).

emoções”, cujo objetivo é criar um universo consensual de modo a operacionalizar o convívio entre os diferentes grupos e sujeitos dele participantes.

Para complementar a discussão sobre a falsa polarização entre cognição e emoção, é interessante ressaltar aqui a análise realizada por Madeira, que atenta para a necessidade de pensar as representações sociais como totalizações, pois, é só assim que:

(...) deixa de ter sentido a dicotomia entre afetivo, emocional, subjetivo, individual e o que lhes seria oposto, ou seja, o efetivo, o racional, o objetivo e o social. A racionalidade, tanto quanto a afetividade e a emotividade, se vincula e opera no concreto como síntese possível e dinâmica de um processo histórico que a extrapola. Todas estas dimensões articulam-se à especificidade da parte pela qual o sujeito se integra em determinada totalidade social. (1991, p. 132)

O próprio caráter processual da representação social é expresso no trecho citado acima, na medida em que o homem estabelece continuamente uma interação com o concreto, o que ocorre em diferentes dimensões, admitindo-se o emocional e o racional, e todas as suas derivações. Desse modo, tanto o cognitivo quanto o emocional vão se constituindo e se articulando no concreto, nas relações que o sujeito estabelece consigo próprio, com o seu grupo, com outros grupos e sujeitos. Enfim, pode-se ponderar que essa dinâmica entre cognitivo e emocional faz parte daquilo que Jodelet, em um trecho já citado anteriormente, considera representações sociais, ou seja, “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social” (1994, p. 36).<sup>32</sup>

Para Maturana, a reintegração da dimensão emocional e racional surge no conversar, sendo que, para se vivenciar condutas racionais, deve-se levar em conta as emoções, pois, segundo Méndez Gonzáles, “só assim podemos perceber que nosso discurso racional apoia-se (*sic*) em premissas fundamentais aceitas pela nossa preferência” (1993, p. 53). Ou seja, por trás de todo aspecto racional há uma emoção que o fundamenta e o aprova.

32 Cf. original: “*C'est une forme de connaissance, socialement élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d'une réalité commune à un ensemble social*”.

De acordo com as considerações já arroladas, é possível concluir que o conhecimento tem uma base cognitiva e afetiva e que, portanto, cognição e emoção não são categorias polares, e isso faz com que as representações sociais se elaborem enquanto saber prático que não se apresenta só como cognitivo.<sup>33</sup> Nesse aspecto, Maturana traz uma contribuição importante a essa discussão, ao defender que o fundamento emocional do racional não é uma limitação, mas sim uma condição de possibilidade (1997).<sup>34</sup> Não se trata, portanto, conforme indica Moñivas Lazaro (1993), de direcionar as investigações ou para o lado da teoria cognitivista, ou da teoria psicossocial, mas sim articular esses dois aportes de modo a possibilitar uma visão mais global das representações sociais.

Se, como foi exposto acima, as emoções, em primeiro lugar, fazem parte da própria estrutura das representações sociais – como defendem Páez e seus colaboradores (1987), bem como Lane (1993), Spink (1993, 1994, 1995), Sawaia (1993) e Banchs (1996) – e, em segundo, correspondem ao próprio fundamento do sistema racional – como defende Maturana (1993, 1997 e 2001) – é possível pensar que, em relação a determinados objetos de estudo, o fator emocional seria mais acessado na seleção de informações que podem constituir o universo semântico de uma representação.<sup>35</sup> É possível que o trecho a seguir, de Ibáñez Gracia, traga uma contribuição à elucidação dessa questão:

(...) o componente atitudinal das representações sociais dinamiza e orienta decisivamente as condutas relacionadas ao objeto representado, provocando um conjunto de reações emocionais e comprometendo as pessoas com maior ou menor intensidade. Esta função dinâmica está presente mesmo naqueles casos em que a representação social não alcança uma estruturação plena, permanecendo difusa. Um exemplo disso é quando pessoas ou grupos não dispõem de informação suficiente sobre o objeto da representação, ou quando carecem de experiências concretas em relação a tal objeto. Todos sabemos que as lacunas

33 Em seu artigo sobre representação e ideologia, Sawaia aponta que essa dicotomia entre o cognitivo e o afetivo está sendo superada em relação aos estudos de representações sociais por meio das investigações sobre a memória afetivo-emocional e a sua interferência na produção de idéias hegemônicas (1993, p. 81).

34 Cf. original: “*es el fundamento emocional de lo racional una limitación? No! Al contrario: es su condición de posibilidad*” (1997, p. 19).

35 Para Abric, o universo semântico corresponde aos elementos constitutivos do conteúdo de uma representação (1994b, p. 66).

informativas não impedem que as pessoas tomem posturas contundentes sobre certos objetos ainda que apenas saibam do que estão falando. (1988, pp. 46-47)<sup>36</sup>

Insistir nesse aspecto leva à seguinte consideração: apesar da importância inegável das experiências concretas de um determinado grupo na formação de representações, é possível que essa experiência não se atrele apenas a uma dimensão cognitiva ou prática no sentido de “ação”. Ou seja, é possível que um grupo específico tenha uma representação social, ainda que não fortemente estruturada mediante informações ou valorações afetivas, se estas forem recorrentes na sua prática.

Ainda em relação ao aspecto afetivo presente nas representações sociais, Páez, Villarreal, Etxeberria e Valencia descrevem algo similar ao comentarem uma pesquisa realizada com crianças em diferentes faixas etárias sobre a representação da doença mental, e constatam que “ainda que os sujeitos possuíssem cognições diferentes sobre a doença mental, todos compartilhavam de uma valorização afetiva negativa” (1987, p. 179).<sup>37</sup> Ayestaran, De Rosa e Páez (1987), sobre a mesma pesquisa, acrescentam ainda que, mesmo que o esquema relacional evoluísse para uma tolerância maior, a valorização afetiva negativa, uma vez formada, tenderia a ser mantida, ou seja:

(...) a afetividade não apenas influenciaria a memória e o juízo, e motivaria em parte as predisposições cognitivas, como também produziria juízos sociais na ausência de medidores cognitivos elaborados”. (Páez, Villarreal, Etxeberria e Valencia, 1987, p. 179)<sup>38</sup>

36 Cf. original: “*el componente actitudinal de las representaciones sociales dinamiza y orienta decisivamente las conductas hacia el objeto representado, suscitando un conjunto de reacciones emocionales e implicando a las personas con mayor o menor intensidad. Esta función dinámica está presente aún en los casos en que la representación social no alcanza una estructuración plena y permanece relativamente difusa. Este caso se da por ejemplo cuando las personas o los grupos no disponen de suficiente información sobre el objeto de la representación, o cuando carecen de experiencias concretas en relación a este objeto. Todos sabemos perfectamente que las lagunas informativas no impiden que las personas tomen posturas contundentes sobre ciertos objetos aunque apenas sepan de qué están hablando*”.

37 Cf. original: “*aunque los sujetos posean cogniciones diferentes sobre la enfermedad mental, todos comparten una evaluación afectiva negativa*”.

38 Cf. original: “*La afectividad no sólo influiría el pensamiento, la memoria y el juicio, y motivaría en parte los sesgos cognitivos, sino que también produciría juicios sociales en ausencia de mediadores cognitivos elaborados*”.

Aliás, se, para Maturana, segundo Méndez Gonzáles, é “a emoção [que] coloca o organismo em interação” (1993, p. 22), isso leva a pensar que, para modificar essa situação, haveria que se modificar as representações sociais desses sujeitos, e, como estas são fundadas numa valorização afetiva, haveria também que se alterar, segundo Maturana (1997), o “emocionar” dos sujeitos, de modo a promover uma mudança em seu domínio de ação.

Também em relação a uma pesquisa sobre etnocentrismo envolvendo crianças, demonstrou-se que, antes mesmo de ter informações ou conhecimentos mais detalhados sobre um determinado objeto social, as valorações afetivas em relação a esse objeto já estavam formadas (Ayestaran, De Rosa e Páez, 1987), o que indica, mais uma vez, a possibilidade de buscar os mecanismos afetivos que orientam a seleção de informações que concorrem para a construção de representações sociais.

Acredita-se ser este um aspecto importante a observar nos estudos relacionados à educação, vista, atualmente, como um campo fértil para a investigação de pontos mais gerais da própria teoria sobre as representações sociais (Carita, 1993), pois, conforme Gilly:

(...) o campo educativo aparece como um campo privilegiado para verificar como se constroem, evoluem e se transformam as representações sociais no seio dos grupos sociais e esclarecer sobre o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua representação. (1994, p. 364)<sup>39</sup>

A representação social enquanto “conjunto organizado de significações sociais” (ibid., p. 363) permite uma “nova via para a explicação dos mecanismos por meio dos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam resultados” (Deschamps apud Gilly, ibid., p. 364).<sup>40</sup> Nesse sentido, o postulado teórico-metodológico das representações sociais configura-se

39 Não se pretende aqui remontar todo o quadro da discussão elaborada por Gilly acerca das representações sociais, mas sim tecer algumas observações de modo a enfatizar a importância desse aporte teórico-metodológico no campo educativo. Cf. original: “*le champ éducatif apparaît comme un champ privilégié pour voir comment se construisent, évoluent et se transforment des représentations sociales au sein de groupes sociaux, et nous éclairer sur le rôle de ces constructions dans les rapports de ces groupes à l’objet de leur représentation*”.

40 Cf. original: “*une voie nouvelle à l’explication de mécanismes par lesquels des facteurs proprement sociaux agissent sur le processus éducatif et en influencent les résultats*”.

como significativo para as investigações relacionadas ao campo educativo, justamente porque ele permite considerar duas coisas: a primeira é que, para além dos fatores sociais externos, o campo educativo engendra fenômenos próprios e internos, que condicionam a reação e a conduta dos sujeitos, devendo ser situados em relação aos demais sistemas de representação social existentes na sociedade por serem deles dependentes (Carita, 1993; Gilly, 1994); e a segunda é que as representações sociais que os sujeitos possuem interferem na relação e na prática pedagógicas por eles estabelecidas (Anadon e Machado, 2001).

Gilly, em seu estudo sobre *Les représentations sociales dans le champ éducatif* (1994), ao promover uma revisão da literatura, aponta para a existência de poucos estudos sobre representações sociais tanto na área mais geral de educação (ibid.) quanto na mais específica, referente à psicologia da educação (1986). Esse mesmo autor identifica também que os poucos estudos existentes não têm o aporte teórico-metodológico das representações sociais como cerne de sua investigação, uma vez que apenas estudam alguns aspectos ou manifestações das representações ou, quando muito, evocam fatores ou determinantes para explicar resultados que nem sempre podem ser identificados como representações sociais.

Duas décadas depois, esse quadro vem sofrendo modificações, dado o número cada vez maior de investigações que abordam diretamente as representações sociais presentes nas relações e práticas pedagógicas. Partindo de tais premissas, portanto, o estudo da representação social tem um espaço garantido na Educação, na medida em que pode contribuir para a elaboração de novos entendimentos acerca da realidade e da prática educativa em sala de aula. Do mesmo modo, pensar a emoção, segundo o aporte teórico de Maturana, traz importantes reflexões sobre quais tipos de “conversações” e, portanto, de emoções, serão abordadas na sala de aula, o que envolve, conseqüentemente, um pensar sobre as representações.

## Resumo

O artigo tem por objetivo pontuar as possíveis intersecções de um diálogo entre a teoria das representações sociais, conforme proposta por Serge Moscovici e seus colaboradores, e o conceito de emoção desenvolvido por Humberto Maturana. Apresenta ainda um panorama sucinto da teoria das representações sociais e algumas de suas implicações no campo educativo.

*Palavras-chave:* representações sociais; emoção; educação; Moscovici e Maturana.

## Abstract

*The article aims to point out the possible intersections of the dialogue between social representations theory, as proposed by Serge Moscovici and his collaborators, and the concept of emotion developed by Humberto Maturana. It also presents a brief overview of social representations theory and some of its implications in the educative field.*

Key-words: *social representations; emotion; education; Moscovici and Maturana.*

## Resumen

*El artículo tiene por objetivo destacar las posibles intersecciones de un diálogo entre la teoría de las representaciones sociales, según la propuesta de Serge Moscovici y sus colaboradores, y el concepto de emoción desarrollado por Humberto Maturana. Se presenta también un breve panorama de la teoría de las representaciones sociales y sus implicaciones en el campo educativo.*

Palabras clave: *representaciones sociales; emoción; educación; Moscovici e Maturana.*

## Referências

- Abric, J.-C. (1994). L'étude expérimentale des représentations sociales. In: Jodelet, D. (dir.). *Les représentations sociales*. 4 ed. Paris, Presses Universitaires de France (Sociologie d'Aujourd'hui).
- \_\_\_\_\_ (1994a). "Les représentations sociales: aspects théoriques". In: Abric, J.-C. (dir.). *Pratiques sociales e représentations*. Paris, Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_ (1994b). "Méthodologie de recueil des représentations sociales". In: Abric, J.-C. (dir.) *Pratiques sociales e représentations*. Paris, Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_ (1998). "A abordagem estrutural das representações sociais". Tradução de Pedro Humberto Faria Campos. In: Moreira, A. S. P. e Oliveira, D. C. (orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia, AB.
- Anadon, M. e Machado, P. B. (2001). *Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais*. Salvador, UNEB.
- Ayestaran, S.; de Rosa, A. e Páez, D. (1987). "Representación social, procesos cognitivos y desarrollo de la cognición social". In: Páez, D. et alii. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid, Fundamentos (Psicología Básica y Clínica).

- Banchs, M. A. (1995). "O papel da emoção na representação do *self* e do outro em membros de uma família incestuosa". In: Lane, S. T. M. e Sawaia, B. B. (orgs.). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense/Educ.
- \_\_\_\_\_ (1996). El papel de la emoción en la construcción de representaciones sociales: invitación para una reflexión teórica. *Textes sur les représentations sociales: espace de discussion*, v. 5, n. 2, pp. 113-125.
- \_\_\_\_\_ (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Textes sur les représentations sociales: espace de discussion*, v. 9, pp. 3.1-3.15.
- Carita, A. (1993). O professor e sua representação do aluno. Lisboa. *Colóquio Educação e Sociedade*, n. 4, pp. 41-95, dez.
- Gilly, M. (1986). "Psicosociología de la educación". In: Moscovici, S. et alii. *Psicología social: psicología social y problemas sociales*. 4 ed. Barcelona, Paidós (Cognición y Desarrollo Humano).
- \_\_\_\_\_ (1994). "Les représentations sociales dans le champ éducatif". In: Jodelet, D. (dir.). *Les représentations sociales*. Paris, Presses Universitaires de France (Sociologie d'Aujourd'hui).
- Ibáñez Gracia, T. (1988). "Representaciones sociales: teoría y método". In: Ibáñez Gracia, T. (coord.). *Ideologías de la vida cotidiana*. Barcelona, Sendai.
- Jodelet, D. (1994). "Représentations sociales: un domaine en expansion". In: Jodelet, D. (dir.). *Les représentations sociales*. 4 ed. Paris, Presses Universitaires de France (Sociologie d'Aujourd'hui).
- Joffe, H. (1995). "'Eu não', 'o meu grupo não': representações sociais transculturais da AIDS". In: Guareschi, P. e Jovchelovitch, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 2 ed. Petrópolis, Vozes.
- Lane, S. T. M. (1993). "Uso e abusos do conceito de representação social". In: Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense.
- Madeira, M. C. (1991). Representações sociais: pressupostos e implicações. Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 72, n. 171, pp. 139-144, maio/ago.
- Maturana, H. e Verden-Zöllner, G. (1993). "Introducción". In: Maturana, H. e Verden-Zöllner, G. *Amor y juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia*. Santiago de Chile, Instituto de Terapia Cognitiva (Experiencia Humana).

- Maturana, H. (1993a). "Conversaciones matrísticas y patriarcales". In: Maturana, H. e Verden-Zöllner, G. *Amor y juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia*. Santiago de Chile, Instituto de Terapia Cognitiva (Experiencia Humana).
- \_\_\_\_\_ (1993b). "El juego, el camino desdeñado". In: Maturana, H. e Verden-Zöllner, G. *Amor y juego: fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia*. Santiago de Chile, Instituto de Terapia Cognitiva (Experiencia Humana).
- \_\_\_\_\_ (1997). *Emociones y lenguaje en educación y política*. 9 ed. Santiago de Chile, Dolmen Ediciones/Granica.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. 1.<sup>a</sup> reimp. Tradução e organização de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte, Ed. UFMG (Humanitas).
- Méndez Gonzáles, J. E. (1993). *Emoção como fundamento das interações humanas: um estudo a partir das obras de Humberto Maturana*. Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Moñivas Lazaro, A. (1993). "Las representaciones sociales". In: Naválon Vila, C. e Medina Tornero, M. E. M. et alii. *Psicología y trabajo social*. Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias (Colección Maior, 18).
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1999). Lo social em tiempos de transición (Entrevista concedida a Mireya Losada). Venezuela. *SIC*, n. 617, pp. 302-305, ago.
- Páez, D. (1987). "Características, funciones y proceso de formación de las representaciones sociales". In: Páez, D. et alii. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid, Fundamentos (Psicología Básica y Clínica).
- \_\_\_\_\_ ; Villarreal, M.; Etxeberria, A. e Valencia, J. (1987). "Cognición social: esquema y función cognitiva aplicada al mundo social". In: Páez, D. et alii. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid, Fundamentos (Psicología Básica y Clínica).
- Quiroz P., A. e Martínez V., N. (1991). La psicología social em Serge Moscovici. México. *Alelon – Revista Mexicana de Psicología Social*, ano 3, n. especial, pp. 3-28.
- Rangel, M. (1997). "*Bom aluno*": real ou ideal?: o quadro teórico da representação social e suas contribuições à pesquisa. Petrópolis, Vozes.

- Sá, C. P. (1993). "Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria". In: Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_ (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Sawaia, B. B. (1993). "Representação e ideologia – o encontro desfeticizador". In: Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense.
- Spink, M. J. P. (1993). "O estudo empírico da representação social". In: Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo, Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (1994). As representações sociais como construções cognitivo/afetivas marcadas pela funcionalidade: contribuição para a constituição de uma psicossociologia do conhecimento. In: V SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO, maio, Caxambu. *Anais*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, Tomo 1. p. 168-169.
- \_\_\_\_\_ (1995). "Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais". In: Guareschi, P. e Jovchelovitch, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. 2 ed. Petrópolis, Vozes.
- Vala, J. (2000). Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: Vala, J. e Monteiro, M. B. (coords.). *Psicologia social*. 4 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wagner, W. (1998). "Sócio-gênese e características das representações sociais". In: Moreira, A. S. P. e Oliveira, D. C. (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia, AB.

Recebido em fevereiro de 2004.  
Aprovado em setembro de 2004.

---

Lúcia Pintor Santiso Villas Bôas  
Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados  
em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP  
Assistente de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas  
E-mail: lboas5@hotmail.com